

*Jogador de sonhos, de Alberto Leira*

A memória de todos descrevia com exatidão a decoração da antiga papelaria, o cheiro e a disposição dos móveis, a estreiteza do corredor, a tapete que nunca fora trocada, a pouca luz que entrava pelas montras, mas ninguém confirmava as razões do encerramento. No fundo as pessoas sabiam que a papelaria tinha fechado porque todos tinham deixado de comprar livros ou jornais. Talvez os tempos fossem outros, mas a verdade é que a papelaria foi obrigada a fechar porque já não tinha clientes suficientes. Fechou temporariamente para obras, reabrindo poucas semanas depois, um espaço assim não pode abandonar o seu propósito. Agora era colorida e iluminada; nas paredes, atrás do balcão, estavam cartões com trevos, coelhos, morangos, ferraduras, e outras imagens que procuravam aliciar quem passava. Na loja anunciava-se, com orgulho, grandes prémios que ali tinham saído, como se isso fosse uma forma de dizer que quem entrasse naquela casa podia ter uma fortuna semelhante. A sorte nunca é igual para todos.

A antiga papelaria ficava na praça central, aliás, a única praça da vila, numa das ruas de comércio, mesmo em frente ao mercado. O sol iluminava praticamente toda a praça, mas nunca chegava a aquecer a nova loja da sorte, talvez por isso as luzes fossem tão evidentes e coloridas. Ninguém gosta de entrar numa loja que está sempre na sombra.

O movimento frenético era disputado pelas esplanadas e pelo *Trevo da Sorte*, o nome da promessa de enriquecimento rápido. Por vezes ia dum sítio para o outro, mas a maioria das vezes o movimento começava no *Trevo* e acabava a caminho de casa, com os azarados a amaldiçoar a pouca sorte. Tristes e cabisbaixos, mas sempre com esperança de amanhã o destino ser diferente.

Quem estava na esplanada criticava aqueles que passavam horas a raspar cartões, a perder dinheiro inutilmente, enquanto se deliciava com uma cerveja e com o sol que nascia para todos. Do outro lado da rua, os raspadores apontavam o dedo aos bêbados e desocupados, à forma como desperdiçavam dinheiro e tempo numa esplanada. Tanto quanto se sabe, nunca houve qualquer tipo de escaramuça entre as duas facções, na verdade, nem sequer havia facções, porque ora se estava a raspar cartões ora se esquecia, na esplanada, a má sorte ao jogo.

A vila não se resumia àqueles dois sítios, muitas outras coisas havia que animavam os dias, sobretudo as pessoas que se encontravam diariamente na praça, velhos pescadores, reformados, operários a caminho das fábricas, crianças que corriam de um lado para o outro, e Feliciano, um jovem que procurava a sua sorte fora da vila, talvez numa latitude longínqua.

Todos os dias passava pela praça em direção à fábrica, onde trabalhava há dois anos, infeliz e sem forma de poder sonhar com uma outra vida. Feliciano não tinha dedicado muito tempo aos estudos, mas ele nunca abdicou de ser ambicioso. Foi parar à fábrica por herança: o seu avô, pai e tios tinham trabalhado lá durante décadas. Algumas famílias têm a tradição da medicina, da arquitetura ou da advocacia. A família de Feliciano dedicou a sua vida à fábrica, mas isso era muito pouco para ele, o ruído e a poluição arrasavam-no.

As horas passadas na fábrica custavam cada vez mais a passar, e Feliciano pensava nos anos que se aproximavam, com pouco dinheiro e com a saúde fragilizada, os turnos desequilibravam-lhe o sono. Não pode haver corpo que aguente, anos a fio, uma dívida para o banco de horas de sono.

Não se pode dizer, porque tinha poucos estudos, que era desinteressado, ele gostava de estudar, mas sempre por vontade própria. Na escola não se conseguia concentrar

nem seguir o ritmo imposto pelos professores. Feliciano, sempre que passava pela cabina de leitura, procurava novos livros que ali tivessem sido deixados, fossem de ciências ou literatura.

Poucas semanas depois do *Trevo da Sorte* ter aberto, Feliciano encontrou na cabina *O jogador* de Dostoievski. Não se lembrava de alguma vez ter lido algum livro daquele autor, mas conhecia o nome, já tinha ouvido falar dele num filme sobre Anais Nïn e Henry Miller. Algumas horas de sono trocadas pela leitura do livro e uma resolução para a vida: *este será o meu último mês na fábrica*. Se não era pelo trabalho, então seria pela sorte que a sua vida mudaria para sempre.

Feliciano, que há muito desejava uma vida confortável, cumpriu a sua promessa, avisou a fábrica e esperou um longo mês até finalmente poder considerar-se um desempregado feliz. Agora teria algum tempo para refletir sobre o seu futuro, dois meses, no máximo, até que tivesse, novamente, de encontrar outro trabalho.

Nos primeiros dias aproveitou para conversar com algumas pessoas na praça, não se lembrando sequer da última vez que o fizera, encontros fortuitos com os olhos postos no futuro. Trazia no bolso direito do casaco *O jogador* para assim poder justificar a sua decisão, e apresentava o livro como transformador, porém, ninguém concordava com ele acerca da mudança radical. *Um livro não consegue mudar a vida de uma pessoa, a não ser que seja de auto-ajuda ou a biografia de um famoso*. Sentiu-se frustrado por ninguém o compreender, mas não era ele quem perdia, mas quem o criticava, porque não podia alcançar a visão libertadora do pequeno livro que trazia sempre consigo.

Quase inevitavelmente sentiu-se um intelectual, um pensador que observava a vida agitada da vila. Sentado na esplanada, com o livro e um café em cima da mesa, olhava para o frenesim que povoava o *Trevo da Sorte*, as pessoas que entravam e

saíam ao longo do dia: os repetentes, os envergonhados, os discretos, os azarados, os afortunados, os pobres que procuravam mudar de vida com a raspadinha certa. Questionava-se diariamente sobre a utilidade do jogo, até que um dia tudo mudou e as suas convicções foram abaladas. Um amigo de infância saiu do *Trevo da Sorte* com um prémio nunca antes visto, até então ninguém tinha ganho tanto dinheiro, cinquenta mil euros que transformariam para sempre a vida daquele homem. Este prémio levou a que os vizinhos começassem a jogar todos os dias, cada vez mais, até mesmo aqueles que nunca tinham jogado. Talvez não seja exagerado dizer que a cobiça cresceu de forma desenfreada. Os donos do *Trevo da Sorte* estavam radiantes, nunca tinham ganho tanto dinheiro, a fama daquele espaço chegava às terras vizinhas. Seria necessário contratar mais uma pessoa para manter o ritmo de jogo.

Colocaram então um anúncio na porta a pedir uma pessoa jovem, com energia e responsável para atendimento ao balcão. *Entrada imediata*, pedia-se na folha escrita à mão. Na verdade, ninguém prestou atenção ao anúncio, as cores dos cartões eram mais atrativas e o grande objetivo era ganhar dinheiro sem ter de trabalhar um dia inteiro. Passaram-se alguns dias e ninguém se candidatou à oferta. Até que um amigo de Feliciano, a meio de uma conversa de circunstância, comentou com ele sobre o anúncio e o quanto deviam estar os donos da antiga papelaria a ganhar com aquele negócio. Feliciano já caminhava com o sonho, todos os dias, sempre a pensar num futuro que lhe desse toda a liberdade de que ele precisava, e segundo o próprio, merecia pelas suas qualidades. Aquela conversa foi tão revolucionária quanto a leitura d' *O Jogador*.

No dia seguinte, depois de refletir sobre a personagem de Dostoievski e as consequências de trabalhar numa casa da sorte, Feliciano entrou por ali adentro,

arrancou o anúncio da porta (gesto estudado e antecipado) e disse para o balcão que tinham encontrado o homem certo. Talvez por não ter colocado bem a voz ou por a azáfama ser muito elevada, ninguém ouviu a afirmação de Feliciano. Então aproximou-se e repetiu, desta vez um pouco mais alto, que estava ali para ocupar o lugar de vendedor, omitindo a informação de ser o homem certo para aquele trabalho. De imediato foi contratado, de imediato começou a trabalhar, amanhã haveria tempo para assinar o contrato.

Faltavam poucas horas para o dia chegar ao fim, por isso Feliciano não teve sequer tempo para experienciar de facto o que era trabalhar numa loja que vendia esperanças e sonhos. O pouco tempo deu para perceber que algumas pessoas raspavam os cartões logo ali, outras levavam para casa, talvez para raspar com a família, havia ainda aqueles que raspavam fora da loja. As superstições fazem parte da sorte, sem dúvida alguma, por isso cada pessoa seguia a sua, acreditando que a superstição mudaria miraculosamente o que já estava há muito inscrito em cada cartão. Não houve nenhum prémio considerável a registar durante essas horas, aliás, nos últimos dias os prémios tinham sido insignificantes e insuficientes para o desejo das pessoas.

Feliciano pouco dormiu, passou a noite a pensar nos rituais e nas superstições das pessoas que compraram raspadinhas, no absurdo que envolvia tudo aquilo que testemunhara. Não se podia mudar o prémio apenas porque se rezava com o cartão na mão, ou pedir muito, ou colar um amuleto à moeda com que se raspa aquela tinta, ou entrar na loja com o pé direito, ou beijar o cartão, ou ainda, pensar em muito dinheiro enquanto se paga o *coelho da sorte* ou *x100*. É mais fácil acreditar nas superstições do que nas possibilidades matemáticas.

Os dias iam passando, e Feliciano começou a apontar num pequeno caderno tudo aquilo que era bizarro, pretendia escrever um ensaio sobre o fenómeno da raspadinha, talvez esse fosse o caminho para mudar de vida. Sempre que via uma superstição nova ou a postura de um cliente que ficasse muito tempo a olhar para os cartões, fazia por não se esquecer, e logo que possível escrevia no caderno as suas impressões. Passou a ser imperioso ler o pensamento de cada pessoa que entrava no *Trevo da Sorte*.

Quando Feliciano agarrou o anúncio com toda a convicção, acreditava que podia escrever um romance como Dostoievski, não sobre o quotidiano num casino, mas acerca dos dias melancólicos das raspadinhas. O glamour dos casinos estava muito longe da vila, mas a natureza humana é semelhante, tinha a certeza de que podia escrever um livro de sucesso se se dedicasse a narrar os dias azarados dos seus vizinhos. No entanto, cedo percebeu que seria inglório encontrar ali a literatura que nunca tinha visto em lado nenhum, Feliciano não era um escritor, no fundo, era um observador que refletia sobre a sua vida. A liberdade, afinal de contas, estava muito longe da sua vida.

Todas as noites revia o seu caderno e percebia que eram notas avulsas, nada que lhe permitisse escrever uma narrativa entusiasmante sobre o seu trabalho e sobre os seus clientes. Até podia continuar a tentar, mas o fracasso era mais palpável do que a felicidade de ser reconhecido como um escritor talentoso. Na mesa da sua cozinha, uma vez que nem escritório tinha, comparava o seu caderno com *O jogador*, e a frustração desabava sobre ele como uma verdade há muito calada: jamais conseguiria escrever um romance sobre as raspadinhas. Então a noite chegava mais cedo, e a tristeza encaminhava-o para a cama e ele adormecia acreditando que amanhã seria o início do seu romance.

Saiu da fábrica ruidosa e poluente para uma fábrica que triturava vidas, para um contrato que o ligava à sorte por mais dez meses. Como aguentar tamanha tortura? Feliciano acreditava a todo o custo que tomara a decisão certa, por isso tinha, por força, de encontrar algo de positivo na sua escolha. Se não podia escrever um romance por falta de talento, restava-lhe descobrir por que razão se candidatara a um trabalho tão superficial.

Na semana seguinte guardou o caderno e o romance de Dostoievski numa gaveta, levando no bolso a chave, assim, nas horas de desespero, podia tocar nela e saber qual a ambição que o guiava. Chegou ao *Trevo* muito antes de abrir, e ficou do lado de fora a observar os cartões, a tentar descobrir a magia que enfeitiçava as pessoas. Não podia ser pelas cores nem pelos nomes, havia coisas mais interessantes que despertariam o interesse, porém, não podia ser apenas o dinheiro, se assim fosse, Feliciano estava irremediavelmente fora daquela realidade, não podia pertencer a um mundo que deseja tão pouco.

O primeiro cliente do dia entrou, largou em cima do balcão uma nota de cinco euros, e disse, para que todos o ouvissem, que queria comprar um carro novo, que aquele seria o dia de todos os sonhos. Depois de raspar o cartão em cima do balcão - este não era certamente um cliente supersticioso -, olhou várias vezes e percebeu que tinha acabado de perder cinco euros. O padrão repetia-se e mostrava-se inalterável, certamente que este cliente voltaria mais tarde. A vida não se podia resumir a isto, era tão pouco, até mesmo para pessoas de uma pequena vila. Um carro novo, uma mota nova, sapatos caros, jóias, um casaco de peles, uma cirurgia plástica, umas férias num resort para ficar ao sol sem fazer nada. Eram estes os sonhos de quem passava a vida a raspar cartões.

O mais perturbador para Feliciano era ter de limpar o balcão, sempre sujo com a tinta prateada dos cartões: vendia uma possibilidade de inutilidades e a seguir tinha de limpar o balcão. Sempre na mesma cadência, sempre na mesma melancolia.

As estações passavam, mas o fim do contrato ainda estava longe, faltavam três meses para que fosse novamente um desempregado feliz. A ideia de escrever um romance estava completamente esquecida, Feliciano aceitou que não tinha o talento necessário, o caderno começou a ser usado para fazer listas de compras. De escritor passou a consumidor, numa espécie de ordem natural das coisas.

Foi nesta nova rotina, enquanto cidadão exemplar que tinha por único desejo enriquecer o mais rápido possível, que voltou a reler *O jogador*. Até então tinha lido o romance para se inspirar e se apresentar à vila como um grande escritor, porém, agora o seu objetivo era outro, o livro serviria de inspiração para ser um jogador vencedor. Decidiu que passaria todos os dias a observar os cartões que fossem comprados, a sequência, os resultados, os prêmios, e por aí fora, até decorar uma sequência vencedora. Exatamente como nos casinos, mas aqui, felizmente, sem ninguém que o pudesse observar.

Ao princípio foi muito difícil tentar encontrar uma lógica nos cartões que eram comprados, simplesmente não havia nenhuma teoria que pudesse comprovar a existência de uma sequência. A cadência de resultados era tão díspar que Feliciano ficava desesperado com a sua falta de resultados. Em boa verdade ele tentou de todas as formas: comprava depois de alguns clientes não terem ganho nenhum prêmio, imediatamente depois de sair um cartão vencedor, depois de vinte cartões vendidos, mas nenhuma fórmula resultava em prêmio. Os dias passavam numa monotonia avassaladora, por momentos Feliciano sentiu saudades da velha fábrica.

Afinal de contas nada mudara na sua vida, não se tornou nem escritor nem um pequeno excêntrico, no entanto, tinha de continuar a limpar o balcão sempre que alguém raspava um cartão. A tinta prateada espalhava-se no balcão e nas suas mãos, caía em fina cascata até ao chão, cobrindo levemente os seus sapatos com a cor da prata, logo ele que procurava o ouro.

A fama do *Trevo da Sorte* diminuía consideravelmente, já ninguém vinha de longe para comprar raspadinhas, a ilusão de enriquecer na vila passara a um mero mito urbano. Em menos de um ano a peregrinação voltou a ser o que sempre fora. A esplanada e o *Trevo* disputavam clientes, e as raspadinhas eram a única esperança de liberdade, a mesma que levou Feliciano a segurar um anúncio para reivindicar a sua ambição. Tudo parecia perdido para ele, a frustração de nunca ter escrito uma linha, e continuar sem ganhar um prémio significativo que simbolizasse verdadeiramente a ideia de liberdade.

Sem escrever e sem trabalho - o contrato não foi renovado por falta de movimento no *Trevo da Sorte* -, Feliciano encontrou-se novamente no início de um novo caminho, obrigado a tomar decisões para o seu futuro. Não havia trabalhos disponíveis na vila, aparentemente não havia alternativas para ele. Voltar à fábrica não podia ser uma escolha, Feliciano não suportava a ideia de trabalhar por turnos, passar as noites a ouvir as máquinas, a olhar para colegas cansados e sem horizontes. Qualquer que fosse o seu futuro, tinha de ser radicalmente diferente daquilo que conhecera até então.

Feliciano questionava-se como é que tinha pensado que as raspadinhas seriam a sua ponte para a liberdade, como é que tinha chegado ao ponto de acreditar que bastaria isso para ser livre como sempre desejou. Apercebeu-se que afinal estava preso a uma ideia vã, e que essa mesma ideia tentadora o tinha aprisionado silenciosamente.

Esgotada a possibilidade de trabalhar, além das raspadinhas não terem trazido nenhum prêmio, Feliciano encantara-se novamente com a vida na praça, era aí que encontrava a paixão pela vida e pelas pessoas. O sonho de ser escritor esfumara-se perante a ausência de talento, porém, as palavras continuavam a ser a forma de pensar o mundo. Feliciano amava as pessoas e as palavras. O futuro só podia estar aí. O nosso jovem sonhador trancou-se dentro de casa, durante alguns dias, a pensar na sua revolução, no seu sonho de amor e liberdade.

Numa segunda-feira primaveril, com o céu azul, e algumas nuvens que beliscavam docemente o horizonte, Feliciano instalou-se no meio da praça. Montou uma pequena mesa de piquenique, abriu um banco e sentou-se. Sorriu durante alguns minutos, cumprimentando quem passava. Finalmente abriu a mochila e de lá retirou o seu caderno, uma caneta e uma folha de cartolina. Depois tirou um rolo de fita-cola que usou para fixar o cartaz à mesa. Estava pronto para começar o seu futuro em liberdade. Aquilo era completamente novo, nunca na vila se tinha visto uma atitude tão excêntrica. Aos poucos as pessoas foram-se aproximando, leram o que estava escrito no cartaz, começaram a comentar entre si o que é que estavam a ver. Quem falou primeiro foi um velho pescador, homem muito conhecido na vila, *Ó Feliciano, o que queres dizer com isso de viver a liberdade do sonho?*

Feliciano percebeu que a liberdade estaria nas suas escolhas, na forma como podia amar as pessoas, aquilo que podia fazer por elas. Amar é libertar, sentir-se livre através do amor. Desde então, começou a ouvir os sonhos das pessoas e a ajudá-las a concretizá-los. Acredita-se que naquela vila os sonhos passaram a realidade.